

## **HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS TRABALHADORES NO RIO GRANDE DO SUL: O ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO, 1933-1943**

*HISTORY AND MEMORIES OF WORKERS IN RIO GRANDE DO SUL: REGIONAL WORK OFFICE, 1933-1943*

*Aristeu Elisandro Machado Lopes<sup>1</sup>*

**Resumo:** O Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas possui o acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul composto por aproximadamente 627.000 Fichas de Qualificação Profissional. Essas fichas eram preenchidas com os dados particulares e profissionais dos trabalhadores que solicitaram a carteira profissional entre os anos de 1933 e 1968. Esta documentação é um importante recurso para estudar os trabalhadores com carteira, ao mesmo tempo que permite traçar um perfil de determinadas categorias profissionais ou grupos específicos. O objetivo deste artigo é apresentar o acervo e os resultados das pesquisas realizadas com os dados coletados. As fichas da DRT/RS são fundamentais para compreender uma parte da história do trabalho e, também, é um acervo que salvaguarda a memória dos trabalhadores anônimos, homens e mulheres que buscavam na carteira profissional os seus direitos, os quais são estudados a partir das suas fichas.

**Palavras-chave:** História. Memória. Trabalhadores.

**Abstract:** The Center of Historical Documents in *Universidade Federal de Pelotas* hosts the collections of Regional Work Office in Rio Grande do Sul State, comprising about 627.000 Records of Professional Qualification. These records contain private and professional information of workers who requested employment cards between 1933 and 1968. These documents are important sources for studying workers with signed contract, and enable to define the profile of some professional categories or specific groups. The purpose of this article is to present the collections and results of researches conducted on

---

<sup>1</sup> Aristeu Elisandro Machado Lopes é Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010). É professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. É pesquisador vinculado ao Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas no qual coordena o projeto de pesquisa Traçando o perfil do trabalhador gaúcho financiado pela Chamada Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico CNPq/Brasil. E-mail para contato: aristeuufpel@yahoo.com.br

these data. These RWO's records are central to understand part of work history and are also collections which protect anonymous workers, men and women who sought in their employment cards their own rights, now analyzed in their records.

**Keywords:** History. Memory. Workers.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Em 1933 um trabalhador solicitava sua carteira profissional em Porto Alegre. Ele estava empregado na Livraria do Globo e declarava como profissão “escritor”. Trata-se do escritor Erico Verissimo (1905-1975), um dos mais importantes nomes da literatura brasileira. Sua Ficha de Qualificação Profissional – documento no qual eram registrados os dados pessoais e profissionais dos trabalhadores – foi preservada. Contudo, a preservação não foi apenas da sua ficha, mas ela integra um acervo que compõe aproximadamente 627.000 Fichas de Qualificação Profissional de trabalhadores do estado do Rio Grande do Sul que solicitaram suas carteiras entre os anos de 1933 e 1968.

Ao contrário do trabalhador citado acima, os demais são desconhecidos, anônimos, ou seja, trabalhadores que somente chegaram ao presente a partir da preservação das fichas de qualificação profissional. Homens e mulheres que não possuem referências no passado, alguns deles talvez nem mesmo referências familiares, uma vez que muitos nasceram no século XIX e acabaram esquecidos por seus descendentes. A DRT permite, portanto, trazer à luz as informações sobre esses trabalhadores, permite rememorá-los a partir dos seus dados pessoais e laborais registrados nas fichas. É dessa forma que se considera que o acervo da DRT, além de possibilitar a realização de uma história do mundo do trabalho no Rio Grande do Sul, permite a realização de um trabalho sobre a memória desses trabalhadores que requisitaram carteira profissional. A proposta deste artigo visa apresentar o acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul e apresentar as possibilidades de pesquisa a partir das fichas. Neste trabalho serão traçadas algumas considerações em relação aos trabalhadores da Livraria do Globo, os quais solicitaram suas carteiras com Erico Verissimo, mas, ao contrário do escritor, a grande maioria permanece desconhecida.

## O ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO

### GRANDE DO SUL

O Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul está sob os cuidados do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas desde 2001. A documentação do acervo é composta pelas Fichas de Qualificação Profissional – também chamadas de Ficha-Espelho – utilizadas para registrar os dados pessoais e profissionais dos trabalhadores, além de uma foto  $\frac{3}{4}$  e a identificação datiloscópica. Essas fichas estão agrupadas em cadernos ou livros, geralmente agrupadas pelas cidades nas quais eram solicitadas e, em alguns casos, apresentam vários profissionais de tarefas idênticas ou semelhantes, o que demonstra que muitos trabalhadores eram conduzidos por seus empregadores ou, então, solicitavam a carteira a partir da visita do “identificador” ou seja, “o funcionário que percorria o estado exercendo esta atividade para que, com base nos dados constantes na ficha, fosse expedida a carteira” (LONER, 2010, p.19). Isso é verificado, por exemplo, quando uma mesma categoria profissional aparece em sequência, sendo que a sequência é observada pelo número da solicitação da carteira que surge em ordem crescente nas fichas.

Em 1933 foi instalada em Porto Alegre a Inspetoria Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, órgão responsável pela emissão das carteiras<sup>2</sup>, a qual passou a ser denominada, em 1940, como Delegacia Regional do Trabalho. A expansão da DRT/RS para o interior foi tardia. Em 1945 foi aberto o primeiro posto atendimento e identificação em Passo Fundo e o segundo foi inaugurado em Pelotas no ano de 1948 (LONER, 2008, p.03). Entende-se, portanto, que o estabelecimento da carteira foi parte inicial e importante da legislação social para o trabalhador pois, como afirma Gomes (1988, p.242), a carteira foi uma “criação do pós-30 e documento por excelência do novo regime, traduzia o tipo de relação entre cidadão e estado que se desejava construir”. Nos anos e décadas seguintes, a carteira assinada se tornou a aspiração de todo o trabalhador urbano, pois representava a garantia de direitos, como estabilidade, salário regular, aposentadoria e inclusão em serviços previdenciários. Dessa forma, tornou-se hábito “tirar” a carteira logo ao início da vida profissional.

O conjunto da documentação que compõe o acervo da DRT/RS vai ao encontro do que é colocado por Chalhoub (2010) ao comentar sobre a história dos trabalhadores

---

<sup>2</sup> A carteira profissional foi estabelecida pelo decreto nº 21.175, de 21 de março de 1932, que a colocava como opcional ao trabalhador. Contudo, com sua regulamentação pelo decreto nº 22.035, de 29 de outubro do mesmo ano, a carteira se transformou rapidamente em um documento imprescindível, já que para a garantia dos seus direitos o trabalhador necessitava ter os seus dados profissionais registrados. Ambos os Decretos estão disponíveis em: [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br) acessados em: 01/07/2014.

no Brasil até o início dos anos 1980. Para o historiador, quando se pensava a história dos trabalhadores,

via-se apenas o movimento operário organizado; os estudos se resumiam a capítulos dedicados ao movimento operário na Primeira República. Nesse movimento operário da Primeira República os protagonistas eram, em geral, os trabalhadores anarquistas, imigrantes estrangeiros que teriam chegado ao país e difundido suas ideias que intensificaram aqui o conflito entre capital e Trabalho (CHALHOUB, 2010, p. 92).

A colocação de Chalhoub serve para explicar que, ao averiguar a história do trabalho no Brasil, é importante considerar todo o período anterior as primeiras décadas do século XX, incluindo os escravos como trabalhadores. Para o caso deste artigo a afirmação do autor é aproveitada para afirmar que não apenas o movimento operário organizado ou os seus protagonistas constituem a história do trabalho no Brasil, mas os trabalhadores da DRT/RS também compõem os estudos sobre os mundos do trabalho. É possível afirmar que o arquivo da DRT/RS é um dos poucos no Brasil que permite, justamente, estudar os trabalhadores desconhecidos, já que a grande maioria dos solicitantes não eram lideranças do movimento operário.

Os documentos que compõem o acervo são raros. Se considerarmos, conforme Le Goff (2003, p.429-430) que “os reis criam instituições-memória: arquivos, bibliotecas, museus” os quais servem à elaboração de uma “memória real, pois os reis fazem compor e, por vezes, gravar na pedra anais (ou pelo menos extratos deles) em que estão sobretudo narrados os seus feitos”, o arquivo da DRT preservou, ao contrário da proposta dos reis da observação de Le Goff, os dados de trabalhadores simples, de homens e mulheres do povo. Igual opinião é expressa por Schmidt e Speranza (2012) ao discorrerem sobre a importância da preservação dos processos da Justiça do Trabalho no Brasil. Os autores afirmam que os processos são documentos que possibilitam estudar “homens e mulheres quase ausentes em outros tipos de documentos oficiais” (SCHMIDT e SPERANZA, 2012, p. 34). Constatação semelhante é feita ao conjunto das fichas de qualificação profissional, uma vez que elas trazem também informações sobre trabalhadores e trabalhadoras que não apresentam dados em outros documentos, mas permitem traçar um perfil do trabalhador com carteira no Rio Grande do Sul<sup>3</sup>.

É a partir das colocações acima que se considera que o acervo da DRT/RS permite estudar a história dos trabalhadores, mas, concomitante, representa uma

---

<sup>3</sup> Salienta-se que o acervo da DRT/RS permite estudar o perfil dos trabalhadores que solicitaram carteira profissional no Rio Grande do Sul, contudo, trata-se de uma parcela dos trabalhadores, já que as solicitações não representam o universo dos trabalhadores do estado, apenas uma amostragem, ou seja, daqueles com solicitação de carteira.

possibilidade de desenvolver um trabalho que enfoca a memória dos trabalhadores que ali estão registrados. Oliveira (2011) ao estudar o entrecruzamento dos acervos dos Salões de Arte em Pelotas afirma que, devido ao fato de se terem conservado os arquivos sobre os Salões, foi possível reconstruir sua história e sua memória: “Esses documentos formam uma rica fonte de informação, que pode ajudar a sociedade a atualizar o passado não vivenciado e reconstruir sua memória e sua história” (OLIVEIRA, 2011, p. 111-112). Essa abordagem pode ser aplicada ao arquivo da DRT/RS que se constitui numa rica fonte de informação sobre os trabalhadores permitindo evocar seus perfis e categorias profissionais. Um exemplo são os dados relacionados aos trabalhadores da Livraria do Globo, como será abordado adiante, e que até então permaneciam no anonimato e que a partir de seu estudo permite reconstruir a memória e a história destes trabalhadores. Se tais informações são registros sobre os trabalhadores, é possível considerar as fichas como uma “socialização da memória” e uma possibilidade de “estocagem de informações” como trata Joël Candau (2012, p.108) ao salientar a relevância da escrita para a memória.

## **O BANCO DE DADOS DAS FICHAS DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL**

O trabalho de pesquisa desenvolvido no acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul foi facilitado desde a criação de um banco de dados para armazenar todas as informações registradas nas fichas. Esse banco de dados reproduz os mesmos campos da ficha – cerca de 50 campos – permitindo que toda a informação de uma ficha fique disponível ao pesquisador e possibilitando o seu cruzamento com aquelas de outros trabalhadores. Dessa forma, é possível estudar determinados grupos de trabalhadores, profissões, grau de instrução, local de nascimento, informações relativas aos trabalhadores estrangeiros, entre outros dados. No momento, é possível consultar informações de aproximadamente 45 mil fichas correspondentes aos anos entre 1933 e 1943.

Os campos da ficha de qualificação profissional são minuciosos e permitem observar detalhes da vida do trabalhador que solicitava a carteira. Há um grupo de itens que se refere aos dados pessoais do trabalhador: nome, sexo, altura, cor da pele, cor dos cabelos e cor dos olhos e, se do sexo masculino, barba e bigode. Ainda é possível saber se o trabalhador possui sinais particulares, ou seja: falta de membros, calvície, cicatrizes, marcas de varíola, deficiências físicas, queimaduras, entre outros. É possível saber a filiação, se solteiro, casado ou viúvo, e o número de filhos. Também eram solicitados os dados do nascimento do trabalhador: a data, o local do nascimento, os nomes dos pais, a cidade e do estado e, se estrangeiro, o ano da chegada no Brasil e,

quando realizada, o ano da naturalização. Outras informações solicitadas eram o endereço e o grau de instrução do trabalhador. Outro grupo de campos se referia às atividades profissionais do trabalhador, nos quais eram registrados: a profissão, o nome e a espécie do estabelecimento profissional, a cidade e o endereço do estabelecimento, e se o trabalhador fosse sindicalizado o número da matrícula e o nome do sindicato.

Todos esses campos se localizavam na primeira página da ficha de qualificação profissional que recebia ainda a data da solicitação da carteira, o número da solicitação, o número do livro, a série, e caso fosse uma segunda via, também era possível registrar. Todos esses dados são transpostos para o banco de dados facilitando, portanto, o cruzamento das informações e no caso desses últimos itens, facilitando a localização dos documentos no acervo. Já o verso da ficha recebia uma foto  $\frac{3}{4}$  do trabalhador, as impressões dos dedos das mãos e se fosse necessário registrar outras informações, estas também eram feitas no verso. No tópico seguinte será apresentado um conjunto de trabalhadores que solicitaram sua carteira profissional em 1933, todos vinculados a Livraria do Globo.

## **OS TRABALHADORES DA LIVRARIA DO GLOBO**

As fichas de qualificação profissional apresentam um número variado de profissões declaradas, assim como um número significativo de estabelecimentos profissionais. Algumas profissões se destacam pelo número recorrente de trabalhadores, como serventes, auxiliares de comércio, pedreiros e costureiras. Entre os estabelecimentos, determinados ramos profissionais concentravam um número considerável de trabalhadores. Com os dados já digitados no banco de dados, as empresas com maior número de trabalhadores são: o Frigorífico Armour of Brazil Corporation, de Santana do Livramento (317 trabalhadores), a Fábrica de Chocolates Ernesto Neugebauer e Cia, de Porto Alegre (314 trabalhadores) e a Livraria do Globo, de Porto Alegre (291 trabalhadores). Se ainda for considerado os trabalhadores que declaravam como estabelecimento “Barcellos, Bertaso e Cia”, a qual a Livraria do Globo pertencia, o número de trabalhadores aumenta para 305.

Entre os trabalhadores da Livraria do Globo foram encontrados profissionais com ocupações diversas; algumas relativas ao universo gráfico e outros com ofícios específicos. Entre aqueles que desempenhavam atividades gráficas ou tarefas relacionadas aparecem: tipógrafos, datilógrafos, impressores, litógrafos, desenhistas,

encadernadores, linotipistas, fotógrafos, gráficos, cortadores, revisores, ponçadores<sup>4</sup>, margeadores<sup>5</sup>, impressores de litografia, mecanógrafos, datilógrafos, dobradores, numeradores a mão, auxiliares de encadernador, ajudantes de impressor e ajudantes de cortador. Enquanto os outros trabalhadores eram auxiliares de comércio, técnicos em produção, mecânicos, comerciários, serventes, guardas noturnos, eletricitas, carpinteiros, *chauffeurs*, caixeiros, vendedores comissionados, guarda-livros, telefonistas, telegrafistas e auxiliares de escritório. Ainda, havia aprendizes de litógrafo e de encadernador. Entre os trabalhadores da Livraria do Globo – e entre todos os trabalhadores até agora pesquisados – apenas um identificava sua profissão como escritor: Erico Verissimo.

A Livraria do Globo se destaca, se comparada aos demais estabelecimentos do mesmo ramo de sua atividade. Os trabalhadores de outras livrarias não representam, somados, nem a metade da quantidade de trabalhadores da Livraria do Globo. Exemplificam os dados da Livraria Selbach, com 44 trabalhadores, e a Livraria Americana, com 35 trabalhadores, ambas de Porto Alegre. O número de trabalhadores e a diversidade de profissões encontrados no que se refere a Livraria do Globo são significativos e estão de acordo com a condição da empresa nos anos 1930.

A Livraria fazia parte do processo de industrialização do Brasil no qual a indústria cultural estava inserida. Iniciada no começo em 1883 como uma simples papelaria, que se tornou em seguida uma tipografia, a Livraria do Globo alcançava números expressivos na época em que seus trabalhadores solicitavam suas carteiras. Conforme Torresini (1999, p.56), entre as décadas de 1930 e 1940, a livraria se tornou um complexo empresarial com filiais nas principais cidades do Estado e escritórios no Rio de Janeiro e em São Paulo. Já sua seção editorial foi responsável pela publicação de livros de autores nacionais como Souza Lobo, Lindolfo Collor, Zeferino Brasil, Aquiles Porto Alegre e José Pinto da Silva (DALMÁZ, 2002, p.30). Ainda, criou coleções especialmente voltadas para a publicação de autores estrangeiros como a Coleção Amarela dedicada a novelas policiais, crimes, mistério e aventura e a Coleção Inquéritos sobre a Rússia (TORRESINI, 1999, p.69-70).

Os dados dos trabalhadores da Livraria do Globo permitem exemplificar a proposta deste artigo, ou seja: abordam uma possibilidade de pesquisa com o acervo,

---

<sup>4</sup> Ponçador é o trabalhador responsável pela utilização de um instrumento de mesmo nome: “Instrumento utilizado para ponçar (preparar) a pedra litográfica, constituído de disco de metal com furos que conduzem areia e água, e de um cabo vertical que é usado para girá-lo sobre a superfície da pedra” (*ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Artes Visuais*. Verbetes: Ponçador. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br> Acessado em: 04/05/2012). O Ponçador, ou pomizador, é, portanto, o operário responsável pela preparação das pedras litográficas ou pelas folhas de zinco (zincografia); seu trabalho consistia em apagar os desenhos deixando a pedra ou as folhas de zinco prontas para serem usadas novamente.

<sup>5</sup> Operário responsável por colocar na máquina as folhas de papel que devem ser impressas.

averiguar a história desses trabalhadores e, igualmente, apresentar aspectos relativos a sua memória. A proposta não objetiva abordar o conjunto dos 291 trabalhadores, mas apenas 47 deles; sendo que todos solicitaram a carteira profissional no mesmo dia que Erico Verissimo solicitou a sua. Sabe-se que todos entraram com o pedido no mesmo dia – 16 de setembro de 1933 – e o preenchimento dos dados nas fichas está em ordem numérica crescente de declaração, entre os números 8603 e 8649, que constituem parte das fichas que formam o livro 173 do acervo. Entre os trabalhadores há 38 homens e 9 mulheres. Neste artigo serão considerados apenas quatro campos das fichas: profissão declarada, ano de nascimento, cor e grau de instrução.

Em relação às profissões declaradas, a maioria dos trabalhadores da Livraria do Globo apresentaram como ocupação tarefas desempenhadas no setor administrativo e de atendimento ao público: auxiliar de comércio (18), caixeiro (11), auxiliar de escritório (9), guarda-livros (3), datilógrafa (1) e vendedor comissionado (1). Além destes, aparecem dois mecânicos, um servente e um escritor.

**Tabela 1 – Nomes dos trabalhadores (em ordem alfabética) e profissão declarada**

<b>Nome</b>	<b>Profissão</b>
Carlos Guilherme Krausueck	Auxiliar de comércio
Walter Marini de Azevedo	
Jose Nunes Neves	
Miguel de Moraes Leão	
Antonio Jorge Achutti	
Joao Raiz de Barros	
Arcelino Palma Dias	
Alberdina Huizinga	
Amelia Debara de Almeida	
Euclides Oliveira Flores	
Henrique d'Avila Bertaso	
Jose Avila Bertaso	
Emilia Pereira	
Rubem Rangel Rosa	
Jose Andrade Ville	
Heitor da Cruz Netto	
Elelia Ferla	
Ruy Passos Rey	
Armando Leão	caixeiro
Attila d'Oliveira	



Helio Granja Sant'Anna Joao Romeu Marques Mariano Sanvicente Angas Nilza dos Santos Costa Odyr Wildt da Silva Pedro Joao Cereja Thereza Salari Vicente Luiz de Almeida Waldomiro Gomes da Silva	
Clovis Niederaner Portinho Edgar da Silva Oliveira Gladys de Freitas e Castro Bender Humberto Felizzola Julieta da Silva Ferzola Manoel d'Azambuja Caldas Odilon Ribeiro Silva Pedro Saberno Walter Otto Gass	Auxiliar de escritório
Alipio da Silva Rosa Cid Pires Haroldo de Faria Masi	Guarda-livro
Eduardo Gomes da Silva Oswaldo Soares Schell	Mecânico
Erico Verissimo	Escritor
Armando Pimentel	Vendedor comissionado
Elvira dos Santos	Datilógrafa
Nezilino Antonio Pereira	Servente

Fonte: Banco de Dados da DRT-RS/NDH-UFPeI

Em 1932 Erico Verissimo assumiu a direção da *Revista do Globo*. No ofício, além de colaborar com a publicação de produções literárias, executava outras tarefas como traduzir contos e artigos de outras publicações que deveriam ser publicadas na *Revista* (TORRESINI, 1999, p.68). A *Revista* também utilizava seu espaço publicitário para divulgar os lançamentos da Editora do Globo. Geralmente o título da obra e o nome do autor eram acompanhados por uma pequena resenha e ocupavam a contracapa, um espaço nobre dentro do periódico (MACHADO JUNIOR, 2009, p.92).

É relevante notar que o escritor solicitou a carteira entre um grupo de trabalhadores que desempenhavam tarefas distantes da sua profissão. O maior grupo é aquele dos auxiliares de comércio, ou seja, os trabalhadores que atendiam o público, nos balcões da livraria, enquanto os caixeiros e o vendedor comissionado também estavam atuando no setor de vendas. Os demais trabalhadores podem ser identificados como aqueles que desempenhavam tarefas no setor administrativo e burocrático da livraria, como os auxiliares de escritório, a datilógrafa e os guarda-livros. enquanto os mecânicos trabalhavam no maquinário, ou seja, na parte de produção dos livros e da *Revista do Globo*. E entre os 47 trabalhadores apenas um se dedicava ao trabalho de limpeza.

Entre os auxiliares de comércio, dois trabalhadores se destacam pelo sobrenome Bertaso. Trata-se de José D'Ávila Bertaso e Henrique Ávila Bertaso, filhos de um dos proprietários da Livraria do Globo, José Bertaso. Em 1918 José Bertaso, após ter sido servente, caixeiro e administrador das oficinas, gerente e sócio, se tornou proprietário (TORRESINI, 1999, p.55-56). A profissão declarada pelos filhos parece seguir os mesmos passos do pai na empresa.

Erico Verissimo escreveu um livro sobre Henrique Bertaso, o que demonstra que os dois já eram próximos quando ambos solicitaram suas carteiras profissionais em 1933. Verissimo colabora com a hipótese acima ao relatar, na obra *Um certo Henrique Bertaso*, que Henrique, em 1922, com 15 anos, foi colocado pelo pai para trabalhar na Livraria visto que ele “estava se transformando em uma peste doméstica”:

Assim, a maneira dos velhos negociantes da tradição portuguesa (embora ele próprio fosse italiano, natural de Verona), resolveu fazer o rapaz trabalhar como “caixeiro” da sua livraria. Adeus areias, ondas e moças da praia de Torres! Adeus vagabundagens na Rua da Praia! (VERISSIMO, 2011, p.14)

Verissimo (2011, p.15) contribui ainda na definição da profissão de caixeiro ao afirmar que poderia “imaginá-lo atrás do balcão, vendendo artigos de papelaria, canetas, lápis, livros, principalmente livros”. De caixeiro em 1922 para auxiliar de comércio em 1933, mas, pelo menos no caso de Henrique, nenhuma das duas ocupações parecia ser mais a sua profissão desde 1931. Neste ano ele se tornou o responsável pela Seção Editora da Livraria e lançou a Coleção Globo “uma série de volumes de bolso com capa cartonada e com ilustrações coloridas” (TORRESINI, 1999, p.72). Em 1937, ao lado de Erico Verissimo, Henrique Bertaso empenha-se “na organização de um programa editorial novo. Seleccionam obras estrangeiras a serem publicadas, escolhem tradutores adequados, discutem títulos em português” (TORRESINI, 1999, p.85). Henrique também foi responsável pela criação de uma escola

de artes gráficas, preocupado na formação de profissionais para atuar na área gráfica (TOLPOLAR, 2014, p.22). A trajetória de Henrique Bertaso levou-o a se tornar um homem conhecido na sociedade porto-alegrense e no campo literário pelas suas ações como editor na Seção Editora da Livraria do Globo. Contudo, Erico Verissimo ainda se sobressai no que se refere aos aspectos de construção de uma memória sobre esses trabalhadores. É certo que Bertaso também é lembrado, pois teve, inclusive, uma biografia escrita por Erico em 1972, contudo, a construção de uma memória sobre ele não atinge o mesmo patamar daquela construída em relação ao escritor.

Retomando ao grupo dos trabalhadores da Livraria do Globo, outro dado importante é sobre o grau de instrução. Todos os trabalhadores eram alfabetizados, conforme declaravam no campo grau de instrução. Os 47 profissionais tinham o ensino primário, sendo que 27 possuíam também o ensino secundário. Os dados sobre o grau de instrução são relevantes, sobretudo se for considerado que se tratava de um conjunto de trabalhadores vinculados a um estabelecimento que estava relacionado com a comercialização e produção de livros. Até mesmo os profissionais que não estavam envolvidos com o atendimento ao público possuíam o ensino primário.

O ensino secundário era declarado pela maioria dos auxiliares de comércio e pelos três guarda-livros. Alipio da Silva Rosa, Cid Pires e Haroldo de Faria Masi eram os contabilistas da Livraria do Globo e, portanto, o grau de instrução estava de acordo com o cargo. O profissional contabilista teve sua profissão regulamentada por um decreto de Getúlio Vargas em 1932<sup>6</sup>. A partir de então somente seriam reconhecidos os livros ou documentos de contabilidade se fossem assinados por trabalhadores registrados na Superintendência do Ensino Comercial. Somente poderiam se registrar os portadores de títulos expedidos por estabelecimentos de ensino comercial, oficializados ou oficialmente reconhecidos<sup>7</sup>. Assim como o decreto que estabelecia a carteira, a regulamentação do profissional da área de contabilidade era mais um entre uma série de leis trabalhistas criadas pelo governo de Getúlio Vargas nos anos 1930.

Já em relação a cor dos trabalhadores, apenas um declara sua cor como “mista” enquanto todos os demais declaravam-se brancos. O trabalhador de cor mista é o servente Nezilino Antonio Pereira nascido em 1915. Há uma presença considerável de trabalhadores negros e pardos, embora a maior parte seja formada por trabalhadores brancos, no conjunto das fichas da DRT/RS. É provável que a denominação mais adequada da cor do servente da Livraria do Globo fosse, portanto, parda. Nezilino, contudo, constituía um parcela que ainda desempenhava funções semelhantes aquelas

<sup>6</sup> DECRETO nº 21.033 de 8 de fevereiro de 1932. Estabelece novas condições para o registro de contadores e guarda-livros, e da outras providências. Disponível em: [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br) Acesso em: 01/07/2014.

<sup>7</sup> Id. Ibid., inciso III, artigo 2º.

realizadas no século XIX, tanto por escravos como por libertos. Nos anos 1930 as possibilidades de ascensão profissional para os negros ainda era limitada. Em parte, isto se explica pela industrialização do Rio Grande do Sul que, segundo Pesavento (1989, p.71), tinha preferência por trabalhadores brancos de origem ou descendência européia. Contudo, no caso da Livraria do Globo, é possível que a explicação para a pouca presença de negros e pardos seja a falta de profissionais negros qualificados para este tipo de estabelecimento comercial<sup>8</sup>. Em outras palavras, muitos dos profissionais que atuavam na livraria precisavam de ensino técnico, como exemplifica, a profissão de contabilista e possivelmente a de datilógrafo e litógrafo.

O servente Nezilino, entretanto, possui uma característica semelhante a de outros trabalhadores da Livraria: a jovialidade. Ele tinha 18 anos quando solicitou a carteira, mesma idade de outros 3 trabalhadores (Antonio Jorge Achutti, auxiliar de comércio; Odilon Ribeiro Silva, auxiliar de escritório e Elvira dos Santos, datilógrafa). Entre o grupo dos 47 trabalhadores averiguados, os quatro mais novos nasceram em 1916 (Euclides Oliveira Flores, auxiliar de comércio; Helio Granja Sant'Anna e Thereza Salari, ambos caixeiros) e em 1917 (Carlos Guilherme Krausueck, auxiliar de comércio). Já o mais velho nasceu em 1881 (Alipio da Silva Rosa, guarda-livros). Dos 47 trabalhadores, 34 nasceram após 1900 (1902, 1903, 1905, 1907, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917), o que possibilita afirmar que a maioria dos trabalhadores da Livraria do Globo eram jovens com idades entre 31 e 16 anos.

As considerações sobre esses trabalhadores enfocaram apenas alguns dos campos das fichas de qualificação profissional. Entretanto, estes dados permitiram averiguar a proposta do artigo de trabalhar com essas informações a partir de uma investigação histórica e, concomitante, considerando-as como suportes relevantes ao desenvolvimento de um trabalho que aborde aspectos relativos à memória dos trabalhadores, considerando o acervo da DRT/RS como um lugar de preservação dessa memória.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trabalhar com os dados destes trabalhadores é uma forma de rememorar-los enquanto sujeitos que participaram de um momento importante da história do mundo do trabalho no Brasil ao solicitarem suas carteiras profissionais logo no começo da emissão do documento. A forma de rememorar-los e a capacidade de reversibilidade do esquecimento, contudo, é limitada, já que é possível somente a partir dos dados das

---

<sup>8</sup> Considerando o universo dos 291 trabalhadores da Livraria do Globo, encontram-se entre eles 257 trabalhadores que declaram sua cor como branca, 20 como mista, 9 como parda e 5 como preta.

fichas. Outras informações sobre estes trabalhadores não foram levantadas/encontradas, as quais poderiam tecer um quadro mais completo sobre eles. Contudo, talvez os dados das fichas sejam os únicos preservados sobre estes homens e mulheres empregados da Livraria do Globo – sendo que idêntica observação pode ser feita a milhares de outros que possuem os dados preservados nas fichas da DRT/RS. Conforme Seixas: “[há] vários tipos de esquecimentos, ou melhor, vários graus de profundidade no esquecimento (assim como os há na memória)... é precisamente esta distinção que abre a possibilidade de sua apreensão do ponto de vista histórico, ou melhor, da investigação histórica” (SEIXAS, 2003, p. 106). A DRT/RS, a partir desta constatação, pode ser vista como um acervo que possibilita reverter parte desses graus de profundidade no esquecimento. Em outras palavras, a investigação histórica proporcionada com os seus dados permite retomar, em parte, a memória dos trabalhadores.

Se Erico Verissimo é lembrado por seu importante conjunto literário – entre as quais citam-se, *Clarissa* (1933), *Olhai os lírios do campo* (1938), *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1961) sendo que os três últimos constituem a trilogia *O tempo e o Vento*<sup>9</sup> – e se Henrique Bertaso foi biografado por ele, os demais trabalhadores continuaram nos anos 1930 e nas décadas seguintes como homens e mulheres comuns. Ao contrário de Verissimo, não escreveram romances; e seus nomes não constam em ruas, avenidas e praças. Assim, o acervo da DRT/RS, além das várias possibilidades de abordagens históricas, pode ser considerado como um espaço relevante para a preservação da memória dos trabalhadores do Rio Grande do Sul, especificamente, daqueles que solicitaram sua carteira profissional.

## REFERÊNCIAS

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CENTRO Cultural Erico Veríssimo. Disponível em: [www.ccev.com.br/index.php/biografia](http://www.ccev.com.br/index.php/biografia) Acesso em: 24/09/2014.

CHALHOUB, Sidney **O conhecimento da história, o direito à memória e os arquivos judiciais**.

In: SCHMIDT, Benito. (Org). *Trabalho, justiça e direitos no Brasil*. Pesquisa histórica e preservação das fontes. São Leopoldo: Oikos, 2010, p.90-105.

---

<sup>9</sup> As informações sobre as obras de Erico Veríssimo foram consultadas na página do Centro Cultural Erico Veríssimo. Disponível em: [www.ccev.com.br/index.php/biografia](http://www.ccev.com.br/index.php/biografia) Acesso em 24/09/2014.

DALMÁZ, Mateus. **A Imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)**. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

DECRETO nº 22.035, de 29 de outubro de 1932. Disponível em: [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br) acesso em: 01/07/2014

DECRETO nº 21.033 de 8 de fevereiro de 1932. Disponível em: [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br) acesso em: 01/07/2014

DECRETO nº 21.175, de 21 de março de 1932. Disponível em: [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br) acesso em: 01/07/2014

*ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Artes Visuais*. Verbete: Ponçador. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br> Acessado em: 04/05/2012.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2003.

LONER, Beatriz. **O acervo sobre trabalho do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel**. In: SCHMIDT, Benito. (Org). *Trabalho, justiça e direitos no Brasil*. Pesquisa histórica e preservação das fontes. São Leopoldo: Oikos, 2010, p.09-24.

LONER, Beatriz. **Um perfil do trabalhador gaúcho na década de 30**. IN: Anais eletrônicos do IX Encontro Estadual de História. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p.01-18. Disponível em: [www.eeh2008.anpuh-rs.or.br/site/anaiseletronicos#C](http://www.eeh2008.anpuh-rs.or.br/site/anaiseletronicos#C) Acesso em: 23/08/2012.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Imagens da sociedade Porto-Alegrense: Vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)**. Porto Alegre: FUMPROARTE/Prefeitura de Porto Alegre; São Leopoldo: Oikós, 2009.

OLIVEIRA, Aydê Andrade de. **Os acervos documentais referentes aos Salões de Arte de Pelotas (1977-1981): história e memória**. (Dissertação de mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas, PPGMP/UFPel, 2011, 181p.

PESAVENTO, Sandra. **Emergência dos subalternos**. Porto Alegre: FAPERGS/UFRGS, 1989.

SCHMIDT, Benito; SPERANZA, Clarice. **Acervos do judiciário trabalhista: lutas pela preservação e possibilidades de pesquisa**. In: MARQUES, Antonio; STAMPA, Inez (Orgs.) *Arquivos do mundo dos trabalhadores*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2012, p.33-48.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Figuras passionais, sentimentos morais e cultura política brasileira: imagens do esquecimento e da denegação.** In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela (Orgs.). *História & historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação.* Uberlândia, Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2003, p.99-116.

TOLPOLAR, Miriam. **Memória da litografia:** Pedras raras da Livraria do Globo. Porto Alegre: Letral, 2014.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **Editora Globo:** uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: UFRGS, 1999.

VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso:** pequeno retrato em que o pintor também aparece. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.